

Neves Silva

Penas e Aparos*

A colecção de aparos de Neves Silva tem ocupado o coleccionador no tempo de descanso e lazer durante os últimos 20 anos. A sua exposição no Museu de Electricidade justifica-se dado o seu vínculo como profissional à EDP - Electricidade de Portugal.

O aparo ou pena — instrumento de escrita que marcou os séculos XIX e XX — caiu em desuso nos dias de hoje, mas deve continuar a merecer o nosso interesse e carinho, pois foi de grande importância no passado, contribuindo para a difusão da Cultura no espaço e no tempo.

Durante milénios, a representação material do pensamento humano fez-se através de arabescos e pictogramas, cuja gravação era feita em pedra e argila.

O primeiro sistema convencional de escrita remonta, segundo alguns investigadores, a cerca 3000 anos a. C., quando a escrita cuneiforme, utilizando caracteres simbólicos ou letras, se começou a representar da esquerda para a direita, em linhas horizontais. O utensílio usado era um estilete ou cana aguçada.

Quanto à base ou local de escrita, podemos dizer que se escreveu primeiro na pedra, depois no papiro, na argila, na madeira, na cera, no pergaminho e, finalmente, no papel.

Com que se escrevia antes do aparecimento do aparo? Com estiletes de osso ou de madeira, com estiletes de metal por fim.

Seguem-se algumas referências a povos e civilizações que nos legaram documentos históricos. Assim, os povos da Mesopotâmia gravaram em tijolos os seus escritos, que foram encontrados aos milhares em ruínas de cidades babilónicas.

Gregos e Romanos escreveram em papiro, como os Egípcios, mas as suas cartas e os seus apontamentos breves eram escritos em tábuas cobertas de cera, com um simples estilete agudo de madeira.

A Cristandade escreveu com penas de pato durante séculos, em tiras de papiro egípcio e em folhas de pergaminho, na solidão dos conventos e na graça dos castelos: versos de amor, romances de cavalaria, fábulas e lendas, orações a Deus e outros temas.

Em 1648 foi redigido o Tratado de Vestefália com uma pena em aço, e no princípio do Séc. XIX apareceram os primeiros objectos a que se viria a denominar "aparos".

Entre 1820 e 1830, no desenvolvimento da grande revolução industrial, iniciou-se a produção de aparos, sendo de destacar nesta área da nova indústria a vila (hoje cidade) de Birmingham.

Contribuiu para o crescente progresso do fabrico do aparo ou pena a elevada taxa de alfabetismo da população em geral, o preço resultante da produção em série e as novas técnicas de publicidade.

É de destacar, como dos principais impulsionadores, os fabricantes Josiah Mason, Joseph Gillott, William Mitchell e Perry, todos de Birmingham.

Inicialmente, o aparo não apresentava flexibilidade. No entanto houve uma grande preocupação na escolha do aço utilizado, em busca da qualidade e a fim de evitar a pena ser deslizante, evitando prender

o papel, o que era bastante desagradável por provocar o espirrar da tinta. O aço tinha de ser resistente e recebia no acabamento final várias cores, tais como azul, dourado, prateado, cromado, niquelado, verde e preto, sendo a maior parte na cor do aço (cinzento).

A concorrência entre fabricantes excitou a imaginação dos criadores de novos modelos, surgindo penas dos mais variados formatos. Atendeu-se, por exemplo, às diferentes maneiras da mão segurar a caneta (caso do utente usar a mão esquerda); para evitar o constante molhar na tinta, foram lançadas no mercado penas com depósitos, o que proporcionava uma grande economia de tempo, tendo um fabricante dado à pena a designação de "Time is Money". Criaram-se modelos com finalidades bem específicas, como, por exemplo, desenhar uma pauta musical com as suas cinco linhas.

Consoante o gosto de cada utilizador, assim a ponta era extra-fina, fina média ou grossa. Os calígrafos tiveram aparos para a execução de letra francesa, inglesa, gótica, entre outras.

Aspectos caracterizadores das penas/aparos:

- inscrições com o nome do fabricante, a marca, o número ou o nome do modelo para além de outros dizeres, como seja o tipo de ponta, o local do fabrico ou o país de origem;
- figuração em relevo de vultos da História, como Cristo, reis, rainhas e outras personalidades; mas também, coroas reais, flores, locomotivas, cisnes, Torre Eiffel, etc.;
- gravação de nomes que eram atribuídos a determinados aparos, tais como: Dante Rossini, Alexandre Dumas, Jules Verne, Victor Hugo, Wilhelm Tell, La Palice, Christian IX, King Car XV, Regina Marguerita, Pilatos, D. Manuel II, D. Carlos I, Vasco da Gama, António José de Almeida, Salazar, Banco de Portugal, Cidade de Lisboa, Bolsa do Porto, Cidade do Porto, Portugal, República Portuguesa, Jerusalém, Crystal Palace e tantos outros.

A arte de escrever que se designou por "caligrafia", palavra derivada do grego e cujo significado é *grafia linda*, esteve sempre em progressivo aperfeiçoamento ao longo de milhares de anos. Para tal contribuiu esse precioso instrumento que é o aparo.

Com o decorrer do tempo, o aparo integrado na caneta de tinta permanente fez diminuir a utilização da pena de aço que era especialmente aproveitada para as escritas de requinte ou para os livros de contabilidade.

Mais tarde surgiu a esferográfica, hoje extremamente vulgarizada e apresentada em ricos estojos, e para muitas operações caligráficas utilizamos a caneta de ponta de feltro, os marcadores, etc.

Por outro lado, é cada vez mais normal o recurso a toda a panóplia de maquinaria e equipamentos informáticos, levando o homem não se sabe bem para onde.

E o aparo, esse instrumento que revolucionou a escrita nos últimos dois séculos, vai ficar para o canto das gavetas e na memória dos mais velhos.

(*) Baseado na Exposição "Passar a Escrito", no Museu da Electricidade (Central Tejo, Lisboa) em Maio e Junho de 1997.